



VENEZUELA

"Maduro ofereceu de tudo", diz Trump

Presidente dos Estados Unidos confirma que líder do regime chavista fez propostas à Casa Branca para desescalar a tensão regional. Republicano anuncia sétimo ataque no Mar do Sul do Caribe. Alvo teria sido submarino carregado de drogas

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de ordenar ataques a supostas embarcações do narcotráfico venezuelano, de confirmar que a Agência Central de Inteligência (CIA) recebeu sinal verde para “ações letais” dentro da Venezuela e de cogitar uma ofensiva terrestre contra cartéis, o presidente americano, Donald Trump, admitiu que o ditador Nicolás Maduro tenta evitar um confronto aberto com os EUA. “Ele ofereceu de tudo, é isso mesmo. Sabe por quê? Porque ele não quer mexer com os Estados Unidos”, respondeu, ao ser indagado por um repórter sobre planos de Caracas para uma desescalada.

Na quinta-feira, o jornal *Miami Herald* informou que Delcy Rodríguez, vice de Maduro, fez duas propostas à Casa Branca — a primeira incluía a exploração de recursos petrolíferos e minerais e a renúncia e a anistia ao presidente; a segunda estipula que o líder chavista deixaria o poder, buscaria exílio e seria substituído por um governo transitório chefiado pela própria Delcy. O *The New York Times*, por sua vez, publicou, na semana passada, que Maduro teria proposto a Trump abrir os projetos de petróleo e de ouro a empresas dos EUA. Além disso, o regime de Maduro teria prometido redirecionar as exportações de petróleo da China

para os Estados Unidos e cancelar contratos de mineração e energia com Rússia, Irã e China.

Rodríguez desmentiu que teria negociado com a administração Trump e atacou o *Miami Herald*. “Outro veículo que se soma ao lixo da guerra psicológica contra o povo venezuelano”, publicou no Telegram, com uma foto ao lado de Maduro e a legenda: “Juntos e unidos ao lado do presidente”. Ontem, autoridades dos departamentos de Táchira e do Amazonas anunciaram patrulhas e procedimentos de controle em postos fronteiriços com a Colômbia. Em Táchira, os militares foram mobilizados na Ponte Internacional Simón Bolívar, que liga as cidades colombianas de Cúcuta e Villa del Rosario à venezuelana San Antonio.

Bombardeio

Durante reunião na Casa Branca, Trump anunciou o sétimo bombardeio no Mar do Sul do Caribe. “Atacamos um submarino que transportava drogas, construído especificamente para transportar grandes quantidades de drogas”, afirmou. Presente na reunião, Rubio se equivocou em admitir se houve sobreviventes na ofensiva — a sexta desde o início de setembro.

Para o filipino Salvador Santino Regilme, diretor do Departamento de Relações Internacionais da

Andrew Harnik/Getty Images/AFP



Trump, o vice J.D. Vance (E) e o secretário de Estado Marco Rubio, em reunião com Zelensky na Casa Branca

Universidade Leiden (Países Baixos), a declaração de Trump sobre Maduro ter oferecido “de tudo” funciona como uma “barganha coercitiva em público”. “Ela sinaliza a determinação de Washington, aumenta os custos de reputação para Caracas e visa desestabilizar a coesão da elite venezuelana. Esse tipo de retórica pode abalar atores internos, mas também tende a endurecer os linha-dura, aumentando os riscos percebidos de saída, incluindo processos judiciais,

perda de ativos e incerteza quanto ao exílio”, explicou ao **Correio**.

Salvador vê como improvável a renúncia de Maduro a curto prazo, sem um pacote de transição confiável que proteja membros do regime e seja apoiado por atores nacionais e parceiros regionais. “Sem garantias confiáveis, essa barganha de Trump fortalece lealdades mais do que desencadeia renúncias.”

Professora de ciência política da Universidade Estadual do Colorado, María Isabel Puerta vê uma

estratégia da Casa Branca de tentar enfraquecer o regime chavista. “Se julgarmos pelas ações, pelo menos Maduro está consciente de que não tem capacidade para se defender de uma intervenção militar. A situação não apenas desestabiliza o regime de Maduro, mas toda a América Latina”, explicou ao **Correio**. “O que parece mais provável é que o governo Trump esteja testando diferentes cenários para desestabilizar a coalizão civil-militar que apoia Maduro.”

Palavra de especialista

Transição negociada

Arquivo pessoal



“O que vemos, na crise entre EUA e Venezuela, é um conjunto de ferramentas de pressão familiar: sanções, isolamento diplomático, sinalização de segurança e reconhecimento da atividade secreta em torno de narcóticos e migração. Isso não prova um plano de deposição pré-escrito do regime de Nicolás Maduro. É melhor compreendido como um esforço para remodelar os incentivos dentro de Caracas para que os atores da elite considerem a deserção ou uma transição negociada.

Os fatores decisivos são divisões na cúpula, garantias pós-regime credíveis e cobertura diplomática regional que pode transformar a pressão em um processo político legítimo. Portanto, isso parece menos um golpe pré-escrito e mais uma modelagem de incentivos para uma transição negociada.”

Salvador Santino Regilme, diretor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Leiden (Países Baixos)

UCRÂNIA

EUA reduzem esperança sobre envio de mísseis

O encontro com Donald Trump na Casa Branca terminou sem que a principal demanda da Ucrânia fosse colocada sobre a mesa. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, disse que não fará nenhum anúncio sobre o pedido de Kiev para eventualmente receber mísseis Tomahawk. Ele destacou que os Estados Unidos não buscam uma “escalada” com a Rússia. “Decidiu-se que não falaremos sobre isso, porque (...) os EUA não querem escalada” com Moscou, declarou. “Acho

que a Rússia tem medo dos Tomahawk, realmente teme essas armas, porque são muito potentes”, acrescentou o governante ucraniano.

Trump afirmou que pediu a Zelensky que chegue a um acordo com o russo Vladimir Putin para pôr fim à guerra na Ucrânia. “Com sorte, eles não precisarão deles (mísseis Tomahawk). Com sorte, poderemos terminar a guerra sem pensar nos Tomahawks”, declarou.

O republicano defendeu que ambas as partes deveriam “reivindicar

a vitória” e deter o derramamento de sangue. “A reunião com Zelensky foi muito interessante e cordial, mas lhe disse, como também sugeri encarecidamente ao presidente Putin, que é hora de acabar com a matança e chegar a um acordo”, escreveu Trump em sua rede, Truth Social.

Uma fonte da delegação ucraniana presente na Casa Branca revelou à agência internacional de notícias France-Presse que Zelensky apresentou a Trump

“mapas” com possíveis alvos a serem atacados na Rússia. “Nesses mapas há pontos de pressão da defesa russa e da economia militar que podem ser atacados para obrigar Putin a pôr fim à guerra”, explicou a fonte a jornalistas.

Os presidentes dos EUA e da Rússia concordaram em realizar uma nova cúpula na capital húngara, Budapeste, que seria a primeira desde uma reunião em agosto, no Alasca, que não conseguiu resultar em nenhum tipo de acordo de paz.

Tom Brenner/AFP



Volodymyr Zelensky: “Acho que a Rússia tem medo dos Tomahawk”

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

O assunto não é só comércio

Planalto e Itamaraty manifestaram satisfação com os resultados da reunião entre o chanceler Mauro Vieira e o secretário de Estado Marco Rubio, na Casa Branca. O histórico do contencioso comercial e político entre EUA e Brasil, resumido nas sobretaxas e sanções impostas unilateralmente por Donald Trump, ajuda a entender as declarações em tanto genéricas, quase lacônicas. O formato do encontro parece até mais revelador.

Na primeira parte, os dois titulares de Relações Exteriores conversaram a sós. Sobre esse momento, o chanceler se ateu a adjetivos — sempre positivos. Em seguida, somaram-se à mesa diplomatas brasileiros, entre eles a embaixadora Maria Luiza Viotti, e funcionários norte-americanos, inclusive, o representante para Comércio.

Naturalmente, a sobretarifa de 50% à importação de produtos brasileiros foi

item central. Embora não tenha sido anunciado nenhum passo concreto, a presença de responsáveis de ambas as partes representa a retomada formal das negociações pelos canais diplomáticos usuais. Elas devem seguir com a discrição de praxe até que seja alcançado algum progresso.

Os cuidados que cercaram a comunicação nas entrevistas coletivas, porém, confirmam a impressão corrente de que comércio é apenas um dos tópicos na agenda bilateral. As relações políticas entre os dois governos estarão na pauta do encontro entre Lula e Trump, que continua sendo preparado.

Sintomaticamente, sobre ele não foram anunciados de imediato local e data.

Pelas beiradas

Tão ou mais sintomático é o silêncio quase absoluto do governo brasileiro

sobre a escalada de tensão política e militar entre EUA e Venezuela. Na véspera da reunião, Trump tornou pública sua autorização para que a CIA opere diretamente no território contra o governo de Nicolás Maduro. E mencionou a disposição de lançar “em terra” a força aeronaval deslocada para o Caribe.

O assunto não foi mencionado por Mauro Vieira. E mesmo Lula tem evitado comentar diretamente a movimentação militar dos EUA, em forte contraste com a condenação estridente do colega colombiano, Gustavo Petro. Falando a um público solidamente aliado, na abertura do Congresso do PCdoB, o presidente limitou-se a defender “a soberania da Venezuela” para tratar de assuntos políticos internos.

A proverbial prudência mineira recomenda que se coma o mingau pelas beiradas, para não queimar a língua.

James Bond

O anúncio inusitado de Trump traz à memória que uma lei em vigor nos EUA permite à Casa Branca autorizar, secretamente, o assassinato de um chefe de Estado ou de governo considerado hostil. Como acontece no cinema com o agente 007, o Congresso norte-americano dá ao presidente licença para matar.

Estão de olho

A mobilização de tropa e poderio bélico tem sido uma das faces da política externa algo errática de um governante que fez fortuna no jogo bruto do mercado imobiliário. O mesmo presidente que se gaba de ter “acabado com sete guerras” — e se candidata ao prêmio Nobel da categoria — renomeou a pasta da Defesa como Departamento de Guerra.

Trump age de maneira semelhante no Oriente Médio e na Ucrânia. Chegou a

ameaçar Volodymyr Zelensky com a suspensão da ajuda militar, caso insistisse em não negociar com a Rússia de Vladimir Putin. Mas topou receber, como pagamento pelos bilhões de dólares em armas fornecidas a Kiev, o acesso dos EUA às reservas ucranianas de terras raras.

A disputa por elas e outros minerais estratégicos está também no pano de fundo da guerra comercial com a China. Depois de um acordo inicial sobre tarifas, a Casa Branca voltou a ameaçar com sobretaxa de 100% os produtos chineses, em represália às restrições do regime de Pequim à exportação de terras raras.

Também as reservas brasileiras, em especial de nióbio, devem voltar à mesa nas negociações bilaterais. Trump e seus parceiros das big techs estão de olho nelas.

Intervalo

Tiro duas semanas de licença para cirurgia de catarata. A coluna volta no sábado, 8 de novembro.